

Ser tão Brasil... a ponto de se lidar constantemente com o “quando menos se espera”. O caso dos médicos do sertão goiano

Be so Brazil... as to constantly deal with “when you least expect it”.
The case of the physicians in the hinterland of Goiás

Ser tan Brasil... hasta el punto de lidiar constantemente con
“cuando menos lo esperas”. El caso de los médicos del
sertão de Goiás

MÉDICOS DO SERTÃO: CIÊNCIA, SAÚDE E DOENÇAS EM GOIÁS, 1947-1960. Vieira TR. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2022. 303 p. ISBN: 978-65-5708-137-2.

doi: 10.1590/0102-311XPT036423

Antes de dar início à proposta específica de uma breve apresentação da consistente obra de Tamará Rangel Vieira ¹, cabe um rápido comentário sobre o título desta resenha. Trata-se de um jogo de palavras com referência à citação da obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* ², que, inclusive, foi apropriadamente assinalado na tese de doutorado da autora, defendida em 2012 no âmbito acadêmico da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). É relevante considerar que a tese teve como orientadora a pesquisadora Nísia Trindade Lima, ex-presidente da Fiocruz em mais de um mandato e atual Ministra da Saúde no novo e promissor governo *pós-bolsonárie*. Sua equipe tem pela frente o enorme desafio de enfrentar os efeitos danosos da sinergia pandêmica que se instalou em nossos sertões quando menos se esperava, esperando (inspirado em uma conhecida frase de um atilado personagem infantil mexicano).

É preciso destacar que aspectos importantes também envolvem o termo “sertão” e a respectiva percepção de como esse nome também é fundamental para se tentar explicar e enfrentar neste

país as renitentes e graves mazelas sanitárias que nos assolam há bastante tempo. Se fizermos uma busca rápida na internet, obtemos uma definição que coincide com o senso comum no entendimento de seu sentido: “*região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas; A terra e a povoação do interior; o interior do país; Toda região pouco povoada deste ‘interior’ em especial a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos*” ³.

Decerto essa questão vai se complexificar enormemente se estivermos preocupados com respectivos determinantes sociopolíticos, geográficos e históricos que não pertencem ao escopo desta resenha. Mas, ainda assim, não merecem ser desconsiderados (nesse caso, cabe consultar, por exemplo, Villela ⁴).

Ora, há uma inevitável verdade veiculada pelo livro que não pode ser negligenciada: o sempre preocupante panorama sanitário brasileiro. Durante muito tempo, a saúde e as doenças infectocontagiosas no Brasil foram temas que geraram muita preocupação em várias dimensões, inclusive na sua relação essencial com a atuação e o desempenho das profissões do campo da saúde. Infelizmente, mesmo admitindo determinados avanços, precariedades socioeconômicas e sanitárias permanecem interagindo e produzindo danos, sofrimentos e perdas em consideráveis contingentes populacionais até os dias de hoje, como no caso degradante relacionado às tribos Yanomami.



Ao ser focado pela autora determinado período, 1947-1960, em uma região denominada sertão goiano, é possível verificar que mesmo naquela época o Estado brasileiro – inclusive em relação a outros sertões – já enfrentava diversos problemas socio sanitários graves, que incluíam, por exemplo, falta de saneamento básico e água tratada, causa que por se mantinha elevada a ocorrência constante de doenças infecciosas e parasitárias, além de outras mazelas.

Como em outras regiões deste país, o sertão goiano era carente de médicos e de estrutura hospitalar adequada, o que tornava o acesso à saúde sempre um grande desafio para as populações locais. Para combater essas doenças, vale destacar os esforços para viabilizar as admiráveis ações do grupo de “médicos do sertão” e instituições goianas – tema central da obra, que retrata um capítulo importante da história das ciências da saúde no Brasil.

No entanto, apesar das nobres ações desse grupo de médicos nesse período histórico, não é possível deixar de ressaltar que teimam em persistir as contumazes alegações de falta de recursos e de precariedade das condições de saúde no sertão goiano, que ainda representam um constante desafio (assim como em muitos outros lugares precarizados neste país). Ou seja, grosso modo, em anos recentes – mas não apenas – permaneceram escassos investimentos mais significativos em infraestrutura, recursos humanos, entre outras áreas, para superar de maneira efetiva as condições limitadas de saúde que continuam existindo em várias regiões brasileiras.

Em síntese, essa briosa obra se aventura na saga dos médicos que atuaram nessa região, empregando uma denominação essencialmente brasileira para designar a paisagem marcante dos chamados sertões brasileiros.

Segundo uma resenha de Rezende & Silva ⁵ sobre a obra de Sônia Maria Magalhães ⁶, percebe-se que a imagem de Goiás era ambígua, pois ao mesmo tempo que era parte do império, estava à margem dele. Magalhães apontou os efeitos da alimentação na saúde dos goianos ao longo do século XIX.

Dessa maneira, devido às limitações da atividade de subsistência, havia um verdadeiro estado crônico de carestia e de crise alimentar, que, de forma constante, se tornava fome declarada e generalizada. A citada autora constatou que os goianos continuaram a ingerir ingerindo alimentos com baixo teor nutritivo, cuja alimentação era baseada em milho, mandioca, arroz, feijão e

carne seca, temperados com baixa quantidade de sal. No entanto, apesar de tal comida ter saciado a fome de muitos, em longo prazo, contribuiu para a disseminação de doenças, principalmente no âmbito nutricional.

Deve-se enfatizar que, no processo de institucionalização da medicina em Goiás, verificou-se um movimento pela definição dos espaços ocupados pelos que atuavam a serviço da saúde. Assim, a formação acadêmica passou a ser requisito obrigatório para a prática médico-sanitária.

A incursão pelos males do sertão é repleta de eventos que têm como referência o próprio sertão, usualmente caracterizado como atrasado, inóspito, árido – passível, inclusive, de ser considerado um núcleo de elementos essenciais para a compreensão da própria nação brasileira. Essa perspectiva, em si, demonstra cabalmente a relevância do livro de Tamara Vieira para, entre outros aspectos relevantes, também focar a dimensão sertão-gênica deste país.

Luis David Castiel ¹

¹ Escola de Enfermagem Ana Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
lsdvdcstil@gmail.com

Informação adicional

ORCID: Luis David Castiel (0000-0001-9528-8075).

1. Vieira TR. Médicos do sertão: ciência, saúde e doenças em Goiás, 1947-1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2022.
2. Guimarães Rosa J. Grande sertão: veredas. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia das Letras; 2019.
3. Dicionário Criativo. Significado de sertão. <https://dicionariocriativo.com.br/significado/sert%C3%A3o> (acessado em 19/Fev/2023).
4. Villela JM. Apresentação ao dossiê. Revista de @ntropologia da UFSCar 2015; 7:7-10.
5. Rezende FS, Silva HM. Desvendando os males do Sertão Goiano por meio da história da saúde e das doenças. *Intellèctus* 2017; XIV:234-40.
6. Magalhães SM. Males do sertão: alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. Goiânia: Cànone Editorial; 2014.

Recebido em 27/Fev/2023
Aprovado em 02/Mar/2023